

LINGUÍSTICA DE TEXTO: perspectivas de interface

TEXT LINGUISTICS: interface perspectives

Dennis Castanheira¹

Cristiane Dall' Cortivo Lebler²

Resumo: Este artigo, de cunho teórico, tem como objetivo discutir possibilidades de interface da Linguística de Texto (LT) com outras perspectivas teórico-práticas. Para isso, serão considerados os pressupostos basilares da LT, abordagem sociocognitiva e interacional que tem como foco o estudo das relações textuais de forma contextualizada, em diálogo com o Funcionalismo norte-americano, a Semântica Argumentativa e o Ensino de línguas. Será considerada a fundamentação de cada abordagem a partir de alguns dos seus teóricos mais relevantes e das metodologias tipicamente empregadas a fim de apresentar as possibilidades investigativas de cada interface.

Palavras-chave: Linguística de Texto; Funcionalismo norte-americano; Semântica Argumentativa; Ensino.

Résumé : Le but de cet article est de discuter les possibilités d'interface entre la Linguistique Textuelle (LT) et d'autres perspectives théoriques. Pour cela, seront considérées les hypothèses de base de la Linguistique Textuelle, qui se caractérise comme une approche sociocognitive et interactionnelle sur l'étude des relations textuelles. Les possibilités de dialogue se construisent au tour du Fonctionnalisme Américain, de la Sémantique Argumentative et de l'enseignement des langues. La raison d'être de chaque approche sera examinée par certains de ses théoriciens les plus pertinents et par des méthodologies généralement utilisées afin de présenter les possibilités d'investigation de chaque interface.

Mots-clés : Linguistique Textuelle; Fonctionnalisme Américain; Sémantique Argumentative; enseignement des langues.

Introdução

A observação do avanço dos estudos linguísticos ao longo do século XX nos mostra que, frequentemente, as diferentes abordagens e correntes teóricas se desenvolvem em uma espiral, em que os objetos de estudo são recortados e analisados em suas diferentes faces, a partir de metodologias e de pressupostos epistemológicos específicos. Assim, oposições entre o biológico e o social, entre o cognitivo e o cultural, o inato e o adquirido emergem das variadas teorias linguísticas. Esse movimento natural da pesquisa científica coloca em

1 Professor Adjunto de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: denniscastanheira@gmail.com

2 Professora Adjunta do Departamento de Metodologia do Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: cristiane.lebler@gmail.com

contraste inúmeras possibilidades de conhecer um objeto de estudo a partir das especificidades desenhadas segundo os diferentes desenhos metodológicos e fundamentos epistêmicos.

Contudo, outro movimento também tem se tornado pujante no exercício da pesquisa científica, qual seja, aquele que coloca em interface esses diferentes olhares, respeitadas as suas especificidades. Assim, tem-se um enriquecimento das possibilidades de conhecer esse objeto, seja em profundidade, seja em alcance. É nesta perspectiva que se insere este artigo, por meio do qual visamos a discutir as possibilidades de interface da Linguística de Texto com outras vertentes teóricas, especificamente o Funcionalismo norte-americano, a Semântica Argumentativa e o ensino de línguas.

De acordo com Santos e Castanheira (2021), a Linguística de Texto (LT) atualmente é caracterizada como uma abordagem sociocognitiva e interacional, em que aspectos linguísticos devem ser analisados a partir dos seus contextos discursivos, considerando, ainda, questões visuais, sonoras, cognitivas e pragmáticas (cf. BEAUGRANDE, 1997; BERNÁRDEZ, 2003; VAN DIJK, 2006; CUSTÓDIO FILHO; HISSA, 2018).

Assim, para a LT, os sentidos são construídos na interação entre os enunciadores e, por isso, o texto não pode ser visto como um produto, mas como um processo sociocognitivo, já que há uma constante negociação de sentidos, o que determina a atividade de interpretação textual. Dessa forma, é natural que diferentes pessoas leiam um texto de maneiras diferentes, tendo em vista que têm vivências sociais distintas e, mesmo tendo acesso ao mesmo material linguístico, ativarão conhecimentos singulares em suas mentes. Sob esse viés, a LT se insere no paradigma das teorias do uso, centradas na pragmática, na interação e numa perspectiva que vai além da decodificação do código ou do estudo da forma.

Dik (1987) postulou que há, nos estudos linguísticos, dois grandes paradigmas – formal e funcional – que se diferenciam de forma ampla a partir de suas bases distintas. A LT, então, está inserida em um “polo funcional”, ou seja, em uma perspectiva centrada na interação entre língua e interação, discurso e sociedade. A cognição, nessa “onda”, é analisada de forma integrada ao social, e, por isso, entende-se que o enunciador está inserido socialmente e isso o faz armazenar em sua mente aspectos ligados às convenções sociais e às informações a que foi exposto.

Diante disso, a interface da LT com outras teorias do uso é um percurso científico esperado, visto que apresentam múltiplos aspectos em comum, dentre os quais: a análise dos contextos comunicativos reais; a observação sociocognitiva da aquisição e dos fenômenos

linguísticos; a discussão da relação entre os fenômenos linguísticos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos a partir da pragmática; etc.

Isso se comprova pelas iniciativas recentes de sistematizar a relação da LT com outras perspectivas teóricas e/ ou níveis de análise linguística. Souza, Penhavel e Cintra (2017), por exemplo, apresentam várias dessas possibilidades, dentre as quais se destacam a Morfologia, a Sociolinguística, a Análise do Discurso, a Fonologia, a Semiótica e a Sintaxe. A multiplicidade de possibilidades demonstra que é possível articular a LT de forma ampla e com diferentes vieses, o que se evidencia a partir de algumas abordagens.

Acerca do Funcionalismo linguístico, a interface com a LT já foi apontada por Cavalcante (2015) em entrevista sobre os caminhos da LT e elucidada pelos trabalhos de Neves (2004; 2006), que relacionam gramática e texto e abordam a questão do ensino de línguas. Outras pesquisas desenvolvidas são as de Pacheco (2014) e Abreu (2017), que abordam, respectivamente, a questão da referência e da cognição em prol desse diálogo. Destacamos, porém, que tais investigações, ou centram suas reflexões em uma gramática do texto, ou se articulam a abordagens funcionais não abordadas neste artigo. Discutiremos, neste estudo, a ligação da LT com o Funcionalismo norte-americano a partir das investigações desenvolvidas por Castanheira (2017; 2020) e Castanheira e Mendanha (2021).

Outras possibilidades de interface se estendem aos estudos argumentativos e enunciativos. Assim, não raro encontramos trabalhos que colocam em perspectiva a LT com abordagens argumentativas, tais como a argumentação Retórica ou a Semântica Argumentativa. Essa possibilidade se abre em razão do compartilhamento do objeto de estudo, que se projeta para investigação em diferentes estratos, desde aqueles centrados na língua mesma, a exemplo do estudo dos operadores argumentativos e da pressuposição linguística, até aqueles que se estendem para a situação discursiva que o gerou, focalizando elementos como tempo, espaço, locutores e alocutário, intencionalidades, alusão a outros discursos etc, sobretudo os estudos da polifonia e dos subentendidos.

Já no ensino de línguas, a LT tem sido uma das abordagens mais utilizadas a partir da sua ligação com diferentes discussões teóricas e aplicadas em distintos contextos educacionais de Ensino Básico e Superior. Nesse ponto de intersecção, as contribuições são inúmeras, contemplando o ensino da argumentação na produção textual (CABRAL, 2018; CIULLA; LOPES, 2022); a produção textual em sentido amplo (SANTOS; CUBA RICHE; TEIXEIRA, 2012; MARQUESI, PAULIUKONIS, ELIAS, 2017) o texto em suportes digitais e seus vários gêneros (MARQUESI *et. al.*, 2019); a referenciação (MARQUESI, 2007; ANDRADE, 2019; ANTUNES, 2019; CUSTÓDIO FILHO, 2021, a análise linguística e semiótica, incluindo

propostas de atividades (AGUIAR; SANTOS, 2019; SANTOS; LEBLER, 2021; SANTOS, 2021, apenas para citar alguns).

Diante disso, neste artigo, discutiremos como tais abordagens podem ser articuladas à perspectiva da LT, considerando suas especificidades e singularidades, mas também seus aspectos de interseção. Para isso, faremos, além desta seção, uma dedicada ao seu diálogo com o Funcionalismo norte-americano, uma à ligação com a Semântica Argumentativa, uma ao ensino de línguas e, finalizando este estudo, as considerações finais e as referências bibliográficas citadas.

Linguística de Texto e Funcionalismo norte-americano

Segundo Butler (2003), o Funcionalismo norte-americano (ou Funcionalismo da Costa-Oeste) é uma abordagem teórica que se desenvolveu na segunda metade do século XX nos Estados Unidos e que tem como proposta discutir os usos linguísticos a partir do mapeamento dos padrões formais e funcionais. A partir da simbiose discurso e gramática, o Funcionalismo focaliza as motivações para a estruturação linguística a partir de aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Cunha, Costa e Cezario (2015) apresentam alguns dos pressupostos basilares dessa abordagem, destacando a iconicidade, a informatividade, a marcação, a gramaticalização, a transitividade e os planos discursivos como alguns dos mais proeminentes. Tais bases estão relacionadas à decodificação linguística e podem ser observadas a partir de vários fenômenos do português, dentre os quais a ordenação vocabular e a formação de sufixos e de conectivos na história da língua.

Conforme defendido por Castanheira (2020), a LT e o Funcionalismo norte-americano são duas abordagens que estão diretamente relacionadas, já que têm muitas interseções e se diferenciam majoritariamente pelas diferentes focalizações: o Funcionalismo estuda a mudança linguística e tende a sistematizar mais as relações formais, e a LT tem relação mais acurada com os gêneros e tipologias textuais e com o ensino de línguas. Assim, para o autor, não há aspectos excludentes entre as duas teorias, mas apenas focos distintos, o que também faz com que sejam abordagens complementares.

Uma questão que demonstra tal ligação é a perspectiva sociocognitiva discutida por ambas. Bybee (2010), por exemplo, aponta que os usos linguísticos estão ligados a processos cognitivos de domínio geral (analogia, memória rica, categorização, *chunking*, entre outros) que explicam a materialidade linguística a partir de questões sociais e mentais. Tal elucidação

pode ser vista pela análise dos padrões de formação de palavras, em que fica evidente como algumas formas são criadas a partir da associação e da extensão de sentido com outras já existentes e com papel textual comum.

Castanheira (2020) argumenta que a LT e o Funcionalismo norte-americano podem ser relacionados a partir de alguns dos seus aspectos basilares. Uma das questões é a articulação textual, que está ligada ao papel de alguns elementos linguísticos conectarem o texto, construindo uma unidade coesa e coerente. A partir da investigação de Castanheira (2017), que seguiu essa interface, é possível afirmar que os adverbiais modalizadores são construtores do gênero artigo de opinião e que veiculam efeitos de sentido relacionados ao seu papel mais ou menos subjetivo e valores discursivos.

Além disso, conforme Castanheira (2020), a partir dos estudos de Prince (1981; 1992), Chafe (1984) e Givón (1995), é possível observar os padrões informacionais dos elementos linguísticos e relacioná-los ao seu papel na construção do texto por meio da referencialidade, o que pode envolver, por exemplo, a relação das estratégias referenciais sistematizadas pela LT com as categorias propostas pelo Funcionalismo. Segundo Castanheira (2020), as anáforas diretas (aquelas que apresentam maior correferencialidade) podem ser vistas como evocadas, as indiretas (aquelas apenas ancoradas textualmente) como disponíveis ou inferíveis e as encapsuladoras (aquelas que são resumitivas) como evocadas.

Em análise das anáforas encapsuladoras em entrevistas publicadas em revistas impressas, Castanheira (2020) observou que esses elementos podem ser observados a partir de diferentes critérios analíticos, dentre os quais se destacam a informatividade, a posição da oração, a subjetividade e a sua relação com o tema e as partes das entrevistas. Com isso, o autor constatou que uma visão escalar é produtiva para a investigação referencial dos Sintagmas Nominais (SNs), já que tais categorias podem ser distribuídas em *continua*, que vão além da visão discreta de novo x velho, subjetivo x objetivo e grande x pequeno.

Castanheira (2020) concluiu, ainda, que há uma relação direta entre os usos desses elementos e o seu papel na construção do gênero, já que, a depender da parte da entrevista, o SN tem papel fórico diferente (na apresentação, tendem a ser prospectivos e, nos turnos do entrevistado e do entrevistador, tendem a ser retrospectivos) e, a depender do tema, o SN tem papel subjetivo distinto (no tema política, os SNs tendem a ser mais subjetivos do que em economia e em cultura). Tais elucidações demonstram que é preciso correlacionar o gênero aos aspectos analíticos eleitos na investigação.

Já Castanheira e Mendanha (2021) constataram que as anáforas encapsuladoras também apresentam resultados similares quanto às partes da entrevista em textos online dos

portais PopLine e RockLine. De acordo com os autores, os SNs também são mais prospectivos, referindo-se às informações ainda a serem apresentadas, na parte inicial da entrevista, escrita pelo jornalista, do que nas outras partes. É válido ressaltar que isso se deve ao caráter introdutório desse trecho, já que, a partir da leitura, possíveis leitores podem optar por continuar, ou não, a apreciação do texto.

Com isso, é possível perceber que os estudos funcionalistas e textuais estão diretamente ligados e que podem ser relacionados a partir de distintas perspectivas, o que se evidencia pelo Quadro 1:

Fenômeno	Pressupostos teóricos funcionalistas a serem utilizados
<p style="text-align: center;">Articulação textual (usos de conectores, adverbiais, marcadores discursivos, preposições, etc.).</p>	<p style="text-align: center;">Iconicidade Marcação Gramaticalização (Inter)subjetividade Categorização</p>
<p style="text-align: center;">Referenciação (usos SNs, pronomes, adverbiais temporais e locativos, etc.).</p>	<p style="text-align: center;">Iconicidade Informatividade Marcação Gramaticalização Lexicalização (Inter)subjetividade Categorização</p>

Quadro 1: fenômenos e pressupostos teóricos fundamentais

Fonte: elaboração nossa

Diante da análise do Quadro 1, percebemos que tais teorias podem ser claramente ligadas, e que há muitas questões a serem observadas. Em novas pesquisas, podem ser analisados esses pontos e considerados outros fenômenos a fim de serem abarcados outros pressupostos fundamentais. É preciso, ainda, efetuar trabalhos comparativos com outras línguas, outros gêneros textuais, suportes e domínios discursivos, e com outras escolhas metodológicas para que tenhamos, então, uma multiplicidade de estudos a serem considerados, examinados e divulgados acerca dessa interface.

Linguística de Texto e Semântica Argumentativa

A Semântica Argumentativa nasceu na França, na década de 1970, a partir dos trabalhos de Oswald Ducrot sobre a pressuposição e, um pouco mais tarde, na década de

1980, na forma da Teoria da Argumentação na Língua (ANL) (ANSCOMBRE; DUCROT, 1983). Desde então, a Semântica Argumentativa tem sido desenvolvida em várias teorias, seja com ênfase na análise da língua propriamente dita, como a já mencionada ANL, a Teoria dos Topoi e, mais recentemente, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), seja com ênfase na enunciação, a exemplo da Teoria Polifônica da Enunciação e, mais recentemente, da Teoria da Argumentação Polifônica. Essas diferentes teorias guardam em comum dois pressupostos fundamentais: o primeiro de que o sentido – aqui entendido como a argumentação – está inscrito na própria língua e o de que a enunciação é constitutiva desse sentido³.

Assim, a Semântica Argumentativa, a partir de suas diferentes teorias e suas várias ferramentas, abre espaço para que o estudo semântico da língua tenha lugar sem, contudo, desconsiderar a situação enunciativa que deu origem aos discursos construídos a partir dessa língua. A língua e a sua significação ocupam o lugar central da análise e são norteadoras da construção dos sentidos dos discursos. Segundo Ducrot (2009), a língua nada tem de informativo, e mesmo as expressões tidas como informativas ou descritivas, a exemplo da palavra *perto*, servem à argumentação, no sentido de que obrigam a continuidade do discurso em determinadas direções: se digo a alguém que o lugar onde quero ir é *perto* não estou apenas dando uma informação acerca da distância a ser percorrida, mas imponho determinadas continuações ao meu enunciado, como *portanto vamos a pé; portanto é fácil chegar*.

Carel (2017), em desenvolvimento mais atual da TBS, mantém longe das descrições semânticas os traços pretensamente informativos da língua, colocando a significação como a ordem primeira da estruturação textual. Para a autora, não há

função informativa primeira em nossos enunciados. Nossos discursos não são senão tramas de palavras “dispostas em determinada ordem”, e a significação das palavras é argumentativa no sentido de que é ela que determina essa construção. Ela permite às palavras se entrelaçarem, se generalizarem, se exemplificarem, se oporem. (CAREL, 2017, p. 3)

Por outro lado, o estabelecimento do conceito de polifonia por Ducrot (1987) trouxe várias repercussões aos estudos do texto e do discurso ao questionar a unicidade do sujeito

3 Registramos aqui duas importantes fontes de pesquisa de trabalhos desenvolvidos com base na Semântica Argumentativa, desde a década de 1960 até os dias atuais: o site <https://semanticar.hypotheses.org/> e, mais recentemente, o evento *Colenarg – Colloque International Énonciation et Argumentation*, cujas atividades se deram de forma online e podem ser acessadas no canal homônimo na plataforma Youtube – registros completos do evento disponíveis em <https://colenarg.paginas.ufsc.br/>

falante. Para Ducrot (1987) e Ducrot e Carel (2008), os enunciados não têm apenas um único sujeito responsável, mas manifestam pelo menos três instâncias enunciativas distintas: o sujeito falante, ser de carne e osso responsável pelos movimentos psicofisiológicos que deram origem ao enunciado; o locutor, responsável discursivo pelo enunciado, que pode ser distinto do sujeito falante; e os enunciadores, origem das diferentes vozes que podem ser mobilizadas em um enunciado⁴. O locutor, por sua vez, toma diferentes atitudes em relação a esses enunciadores, assumindo, concordando ou se opondo aos pontos de vista apresentados.

Dado esse amplo panorama, que aponta as duas grandes vertentes de análise a partir da Semântica Argumentativa, convém evidenciar as possibilidades de intersecção entre esta abordagem teórica e a LT. Assim, alguns trabalhos desenvolvidos, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, por Oswald Ducrot, configuram-se como importantes pontos que criaram o cenário para que a intersecção entre essas duas teorias tivesse lugar. Citamos os vários trabalhos de Oswald Ducrot sobre os chamados operadores argumentativos, tais como sobre o par *pouco* e *um pouco* (DUCROT, 2005), sobre a conjunção *mas* (DUCROT, *et. al.*, 1980; DUCROT; VOGT, 1979; DUCROT, 1998), e sobre as escalas argumentativas (DUCROT, 1980).

Desse breve panorama dos trabalhos de Ducrot, podemos apontar que a aproximação entre a LT e a Semântica Argumentativa se deu em duas direções: a primeira delas teve início sobretudo nos trabalhos de Ingedore Koch, principalmente pela obra *Argumentação e Linguagem* ([1984]/2002), a qual reúne comunicações apresentadas pela autora, artigos e capítulos de sua tese de doutorado, publicada em número exclusivo na Revista *Letras de Hoje*. Nessa obra, Koch ([1984]/2002) assume que a argumentatividade é uma propriedade intrínseca da linguagem, porque o homem usa a língua como uma forma de agir em sociedade, ou, nas palavras da autora, “[...] a linguagem deve ser encarada como uma forma de ação, **ação sobre o mundo dotada de intencionalidade [...]**” (KOCH, [1984]/2002, p. 15, grifos da autora).

Embasada não apenas na Semântica Argumentativa, mas em outras correntes dos estudos da linguagem, como a Retórica e a Pragmática, tanto o número especial de *Letras de Hoje* (1983) quanto *Argumentação e Linguagem* (1984) apresentam robustas fundamentações teóricas e reflexões sobre elementos como os tempos verbais, a pressuposição, as relações de modalidades do discurso, os operadores argumentativos, a polifonia e a autoridade polifônica, entre outras.

4 Cabe destacar que desde 2010, a Teoria da Polifonia vem passando por inúmeras reformulações, a exemplo de Carel (2010a; 2010b; 2012^a; 2012b; 2018).

A questão da argumentação e dos operadores argumentativos permaneceu como um grande tema de interesse da LT, muitas delas voltadas para questões práticas, como a leitura e a escrita, como Koch e Elias (2006) e Koch e Elias (2009) e Koch e Elias (2016), nas quais tomam-se a leitura, a escrita e a argumentação como objetos. Em Koch e Elias (2016) encontram-se definições, classificações e exemplos de operadores a partir de duas noções definidas por Ducrot: as classes argumentativas e as escalas argumentativas.

A importância desses marcadores está justamente no papel textual – e até mesmo enunciativo – que desempenham, uma vez que podem dar ao texto inúmeros matizes semânticos e enunciativos: colocar em perspectiva argumentos com forças argumentativas diferentes para uma mesma conclusão (ex.: até mesmo, inclusive, até), introduzir uma oposição (mas, porém, apesar de), inserir uma justificativa (porque, já que, visto que), conduzir uma comparação (mais... (do) que; tão.... quão), entre inúmeras outras funções.

Em relação ao conceito de polifonia, vale destacar a obra *Intertextualidade: diálogos possíveis* (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008), em que as autoras colocam em paralelo essas duas importantes noções. Para as autoras, a polifonia é mais ampla que a intertextualidade, pois, na intertextualidade, faz-se necessária a presença de um intertexto, cuja fonte pode ou não estar explícita; já na polifonia, basta que haja uma encenação na qual sejam apreendidas diferentes perspectivas ou pontos de vista. Exemplos de polifonia como a negação, a ironia, o futuro do pretérito, os marcadores pressuposicionais ilustram a definição apresentada e as formas que toma no discurso.

Linguística de Texto e Ensino de línguas

Ao longo das últimas décadas, os estudos sobre ensino de línguas se multiplicaram na Linguística brasileira, sobretudo a partir de um viés pautado no uso. São inúmeros os trabalhos sobre Sociolinguística, Análise do Discurso e Linguística de Texto que versam sobre a ligação da Linguística ao ensino a partir de diferentes contextos educacionais de Ensino Fundamental, Médio e Superior.

A interface Texto e ensino é caracterizada pela centralidade do texto como objeto de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, considera as especificidades teóricas dessa perspectiva no contexto pedagógico. Algumas dessas são a função dos elementos linguísticos na tessitura textual; a questão das tipologias textuais; o foco nos efeitos de sentido; a análise dos elementos verbo-visuais de maneira integrada; a observação do contexto, etc. (cf.

MARQUESI; PAULIUKONIS; ELIAS, 2017; PAULIUKONIS; CAVALCANTE, 2018; CASTANHEIRA; SANTOS, 2022, dentre outros).

Uma das questões centrais desse olhar é o ensino de leitura. Caracterizada por desvendar os sentidos do texto, a análise interpretativa na LT envolve a consideração dos aspectos já apresentados em diferentes contextos interacionais, dentre os quais se destacam diferentes gêneros (notícia, editorial, história em quadrinhos, crônica, conto de fadas, fábula, manchete, etc.), suportes (jornal, revista, blogue, parede, livro, etc.) e domínios discursivos (jornalístico, literário, jurídico, instrucional, jurídico, etc.). Assim, trabalhar a interface Texto e ensino envolve necessariamente considerar como o texto se insere na comunicação e na interação entre os enunciadores.

Nesse enfoque sobre a leitura, vale destacar a importante colaboração dada quanto à noção de contexto e da relação entre leitor e texto, já que as ferramentas de análise da LT permitem que os elementos contextuais marcados textualmente sejam integrados ao seu sentido. Por outro lado, o conhecimento de mundo do leitor cumpre um importante papel na compreensão dos textos, já que possibilita preencher lacunas de sentido a partir das pistas textuais. Esse ponto é fundamental, porque nem tudo está (e precisa ser) dito em um texto, sendo alguns efeitos de sentido, como o humor, derivados justamente das possibilidades de interpretação que são deixadas em aberto, pelo autor do texto, para o seu leitor.

Por outro lado, o ensino da produção textual também é pensado a partir dos pressupostos da LT, pela abordagem das tipologias e sequências textuais (ganham destaque, aqui, os inúmeros trabalhos de Sueli Marquesi, alguns já apontados nas referências deste artigo), principalmente no que tange à argumentação (LEBLER; LANES, 2021; CIULLA; LOPES, 2022; CABRAL, 2016, KOCH; ELIAS, 2016), à mobilização das vozes no texto e aos elementos coesivos sequenciais e referenciais. Essa vocação da LT para o ensino de língua deve-se à multiplicidade de olhares possíveis para a superfície textual e seu contexto, enfocando as relações linguísticas propriamente ditas, em um sentido micro, mas também em uma análise macrotextual, a partir da sua estrutura, das questões enunciativas e contextuais.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo discutir como o Funcionalismo norte-americano, a Semântica Argumentativa e o ensino de língua portuguesa podem ser articulados à perspectiva da LT, considerando suas especificidades e singularidades, mas também seus aspectos de

interseção. Para isso, apresentamos um panorama acerca desses três eixos e as possibilidades de diálogo por meio de pesquisas que as colocaram em convergência.

A abordagem de fenômenos linguísticos a partir de aspectos fronteiriços de determinadas teorias amplifica as possibilidades de investigação e de explicação desses objetos. Assim, intersecções teóricas, respeitadas as suas especificidades epistemológicas e metodológicas, abrem caminho para novas perspectivas de pesquisa que podem contribuir para diferentes interfaces e múltiplas investigações.

Dessa maneira, defendemos que os entrelaçamentos teóricos com os estudos do texto não devem ser vistos apenas como possibilidades, mas como vieses científicos válidos e bem fundamentados que precisam de discussões amplas e sistemáticas para que haja cada vez mais popularização dos seus diálogos e de como efetivamente adotar perspectivas de interface relacionadas à LT. Para isso, contudo, é necessário que haja cada vez mais investigações teóricas e empíricas em que sejam problematizados seus pontos de contato e também sua viabilidade analítica.

Com isso, elucidamos a necessidade de um encaminhamento cada vez mais acentuado de diálogo da LT com outras perspectivas, como já demonstraram estudos recentes (SOUZA; PENHABEL; CINTRA, 2017; LEBLER; LANES, 2021; CASTANHEIRA; CEZARIO, 2022; CASTANHEIRA; SANTOS, 2022). Além disso, ressaltamos a amplificação de discussões teórico-práticas do seu “eco” em pesquisas de teoria e análise linguística e aplicação linguística e a necessidade de uma efetiva agenda de pesquisas em prol dessas perspectivas de interface.

Referências bibliográficas

- ABREU, A. S. Linguística Textual e Funcionalismo. In: CAPISTRANO JR, R. LINS, M. P. O.; ELIAS, V. M. (Org.). *Linguística Textual: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Labrador, 2017. p. 43-56.
- AGUIAR, M.; SANTOS, L. W. dos (org.). Ensino de língua Portuguesa nas duas primeiras décadas do século XXI. *Policromias*, v. 4, n. 2, p. 360-394, 2019.
- ANDRADE, F. *Referenciação e humor em crônicas de Luis Fernando Verissimo*. Rio de Janeiro, 103 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. *L'Argumentation dans la langue*. Bruxelas: Mardaga, 1983.

- ANTUNES, V. *Referenciação e violência contra a mulher em relatos femininos*. 106 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Nova Jersey: Alex, 1997.
- BERNÁRDEZ, E. El texto en el proceso comunicativo. *Revista de Investigación Lingüística*, v. 6, n. 2, 7–28, 2003.
- BUTLER, C. S. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CABRAL, A. L. T. Ensino de língua portuguesa e produção de textos argumentativos: o SMS em foco. *Diálogo das Letras*, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 30–49, 2018.
- CAREL, M. Polyphonie et argumentation. *Desenredo – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, Passo Fundo, v. 6, n. 1, 2010a.
- CAREL, M.; DUCROT, O. Mise à jour de polyphonie. *Desenredo – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, Passo Fundo, v. 6, n. 1, 2010b.
- CAREL, M. Récit et persuasion chez *Claude Gueux* par Victor Hugo *Desenredo – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, Passo Fundo, v. 8, n. 2, p. 11-25, 2012a.
- CAREL, M. Attribution du point de vue et énoncé du récit. *Desenredo – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, Passo Fundo, v. 8, n. 2, p. 26-39, 2012b.
- CAREL, M. Significação e argumentação. *Signo*, v. 42, n. 73, p. 2-20, 2017.
- CAREL, M. Les arguments énonciatifs. *Letrônica*, Porto Alegre, vol. 11, nº2, p.106-124, avril-juin 2018.
- CASTANHEIRA, D. *Uso de adverbais modalizadores e sua abordagem em livros didáticos de ensino médio: reflexões e propostas de atividades*. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- CASTANHEIRA, D. *Anáforas encapsuladoras e construção do gênero entrevista: análise textual-funcional*. 2020. 235 f. Tese (Doutorado em Letras (Letras Vernáculas)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

- CASTANHEIRA, D.; CASEIRA, C. Análise funcional-textual da abordagem sobre conjunções em livros didáticos de ensino médio. *Revista E-escrita: Revista do curso de letras da UNIABEU*, v. 11, p. 37-52, 2020.
- CASTANHEIRA, D.; CEZARIO, M. M. (Re)discutindo o estatuto informacional das anáforas encapsuladoras: para além da classificação dado e novo. *Revista Gragoatá (UFF)*, v. 27, p. 232-259, 2022.
- CASTANHEIRA, D.; MENDANHA, M.. Encapsulating anaphors in written interviews published online. *Revista de Estudos da Linguagem (Falange Miúda)*, v. 6, p. 213-227, 2021.
- CASTANHEIRA, D.; SANTOS, L. W. Linguística de Texto e leitura: propostas didáticas e reflexões para o ensino. In: ANGELO, C. M. P.; MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. F. (Org.). *Leitura e ensino de língua*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 301-330.
- CAVALCANTE, M. M. Referenciação: uma entrevista com Mônica Magalhães Cavalcante. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 13, n. 25, p. 367-380, 2015.
- CHAFE, W. Givenness, Contrastiveness definiteness, subjects topics and point of view. In: LI, C. (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 25-55.
- CHAFE, W. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, R. (org.) *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1984. p. 21-51.
- CIULLA, A.; LOPES, M. A textualidade da argumentação: movimentos, encadeamentos e estratégias. In.: SILVA, P.; COSTA A. *Produção textual na teoria e na prática: os caminhos da avaliação da redação*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.
- CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (org.) *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-48.
- CUSTÓDIO FILHO, V. Contribuições da referenciação para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa, com ênfase na natureza argumentativa da linguagem. *PERcursos Linguísticos*, v. 11, n. 29, p. 203–222, 2021.
- CUSTÓDIO FILHO, V.; HISSA, D. L. A.. Linguística Textual e Sociocognição: interação e conhecimentos voltados para a construção dos sentidos. *Revista Organon*, Porto Alegre (RS), v. 33, n. 64, 2018.
- DIK, S. Some principles of functional grammar. In: DIRVEN, R.; FRIED, V. (org.) *Reference grammars and modern linguistics theory*. Amsterdam/ Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987. p. 81-100.
- DUCROT, O. *et. al.* Mais occupe-toi d'Amélie. *Les mots du discours*. Paris : Minuit, 1980.
- DUCROT, O. *Les échelles argumentatives*. Paris : Minuit, 1980.

- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- DUCROT, O. De l'intérêt de choisir entre peu et un peu. *Bulletin Hispanique*, tome 107, n°1, pp. 109-117, 2005.
- DUCROT, O.; VOGT, C. De magis à mais: une hypothèse sémantique. *Revue de linguistique romane*, n. 171-2, T. 43, pp. 317-341, 1979.
- DUCROT, O. Sémantique linguistique et analyse de textes. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 35, 1998.
- DUCROT, O.; CAREL, M. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, jan./mar. 2008.
- DUCROT, O. Argumentação retórica e argumentação linguística. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, 2009.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- KOCH, I. V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, I. BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2008.
- KOCH, I. ELIAS, V. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, I.; ELIAS, V. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.
- KOCH, I.; ELIAS, V. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.
- LEBLER, C.; LANES, L. A tríade plano de texto, argumentação e autoria na redação do Enem. *Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação*, v. 21, n. 3, pp. 38 – 54, 2021.
- MARQUESI, S. Referenciação no texto descritivo. *Revista Investigações*, v. 20, n. 2, p. 47-59, 2007.
- MARQUESI, S. *et. al.* Plano de texto e contexto: conceitos em interface para o tratamento da escrita e da leitura em mídia digital. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 13, n. 25, pp. 40-59, 2019.
- MARQUESI, S.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. (org.) *Linguística Textual e Ensino*. São Paulo: Contexto, 2017.
- NEVES, M. H. de M. Funcionalismo e Linguística do Texto. *Revista do Gel*, v. 1, p. 71-89, 2004.
- NEVES, M. H. de M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

- PACHECO, L. F. *A referência anafórica por encapsulamento: gramática e discurso*. 2014. 173 f. Tese (Doutorado). São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Federal Paulista Júlio de Mesquita Filho: São José do Rio Preto, 2014.
- PAULIUKONIS, M. A.; CAVALCANTE, M. M. *Texto e ensino*. SEDIS/ UFRN: Natal, 2018.
- PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (org.). *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 223-55.
- PRINCE, E. F. The ZPG letter: subjects, definiteness and information-status. In: MANN, W.C.; THOMPSON, S. A. (org.) *Discourse description*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1992. p. 295-325.
- SANTOS, L. W. dos. Abordagem textual no contexto da BNCC: panorama teórico e propostas de atividades. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 10, p. 1-20, 2021.
- SANTOS, L. W. dos; LEBLER, C. D. Texto, gramática e ensino: o conceito de análise linguística/semiótica. In: OLIVEIRA, M. R.; WIEDERMER, M. L. (org.). *Texto e gramática na Educação Básica: novos contextos, novas práticas*. São Paulo: Pontes, 2021. p. 45-76
- SANTOS, L. W. dos; CASTANHEIRA, D.. Linguística de Texto e referenciação: reflexões a respeito da escrita do surdo.. In: FREITAS, R.; SOARES, L. A.; NASCIMENTO, J. P. (Org.). *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021, v. 2, p. 118-130.
- SANTOS, L. W. dos; CUBA RICHE, R.; TEIXEIRA, C. S. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2012.
- SOUZA, E. R. F.; PENHAVAL, E.; CINTRA, M. R. *Linguística Textual: interfaces e delimitações – Homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch*. São Paulo: Cortez Editora, 2017.
- VAN DIJK, T. Discourse, context and cognition. *Discourse Studies*, v. 8, n. 1, 159-177, 2006.